

A FRATERNIDADE

CAPÍTULO I

OS DEVERES DA FRATERNIDADE

I

OS IRMÃOS SEM LAR

1. O homem que desejar ser meu discípulo deverá abandonar todas as relações diretas com a família, a vida social mundana e toda a dependência da riqueza. O homem que tiver abandonado tais relações em prol do Dharma e não tiver abrigo para o corpo e a mente, tornar-se-á meu discípulo e será chamado de irmão sem lar.

Mesmo que seus pés deixem marcas em meus passos e que suas mãos levem minhas roupas, ele estará muito longe de mim, se sua mente estiver perturbada pela cobiça. Embora se vista como monge, ele não me verá se não aceitar os meus ensinamentos.

Mas se ele tiver afastado toda a cobiça e se sua mente estiver pura e tranquila, estará junto a mim, embora se encontre a milhares de milhas. Se aceitar o Dharma, nele me verá.

2. Meus discípulos e irmãos que renunciaram ao lar, devem observar estas quatro regras e por elas nortear as suas vidas.

Primeira, usar velhas e surradas roupas; segunda, mendigar o próprio alimento; terceira, ter como lar o local onde

a noite os encontra, sob uma árvore ou sobre uma rocha; e quarta, usar somente um especial remédio legado pela Fraternidade.

Carregar uma tigela na mão e ir de casa em casa é a vida de um mendigo, mas um irmão não é induzido por outros a assim fazer, ele não é forçado a isso pelas circunstâncias ou pela tentação. Ele o faz de livre e espontânea vontade, porque sabe que uma vida de fé o afastará das ilusões, ajudá-lo-á a evitar o sofrimento, e o conduzirá rumo à Iluminação.

A vida de um irmão sem lar é muito árdua e ele não deve empreendê-la se não puder conservar a mente livre da cobiça e da ira, e se não puder controlar sua mente e seus cinco sentidos.

3. Para se considerar um irmão sem lar e ser capaz de responder, quando indagado a este respeito, deve estar apto a dizer:

“Quero fazer tudo aquilo que for necessário para ser um irmão desabrigado. Eu o farei com sinceridade e tentarei realizar os propósitos de me tornar um irmão. Serei grato a todos aqueles que me ajudarem com donativos e, como retribuição, tentarei fazê-los felizes com a minha probidade e correta vida.”

Para ser um irmão sem lar, deve dedicar-se aos treinamentos e propor-se a proceder de maneira correta, como: - Deve ser sensível à vergonha e à desonra, quando se erra; deve

manter puros o corpo, a fala e a mente, se quiser ter uma vida pura; deve vigiar as portas dos cinco sentidos; não deve perder o controle da mente em favor de algum efêmero prazer; não deve louvar-se a si mesmo e censurar os outros; não deve ser indolente ou dado a prolongado sono.

À noite deve reservar um tempo para uma tranquila meditação e para uma pequena caminhada antes de se recolher. Para um sono reparador, deve repousar sobre o lado direito, com os pés juntos, e ter como último pensamento a hora em que desejar levantar-se de madrugada. Deve reservar uns minutos, logo de manhã, para a meditação e para um pequeno passeio.

Durante o dia deve manter sempre a mente alerta, conservando o corpo e a mente sob controle, resistindo a todos os engodos da cobiça, da ira, da ignorância, sono, desatenção, tristeza, da dúvida e de todos os desejos mundanos. Assim fazendo poderá, com a mente concentrada, irradiar excelente sabedoria e almejar apenas a perfeita Iluminação.

4. Se um irmão sem lar, esquecendo-se das normas da boa conduta, decair na ganância, ficar irado e nutrir ressentimentos, ciúme, vaidade, autoelogio ou insinceridade, estar se arriscando a se desmembrar da fraternidade, será como um homem que carrega perigosamente uma afiada espada de dois gumes, coberta apenas por um fino pano.

O simples usar os farrapos de um monge, o carregar uma tigela de mendigo ou o fácil recitar das escrituras não

fazem de um homem um irmão sem lar. Ele não passará de um homem de palha, nada mais.

Embora tendo a aparência de um monge, se não puder remover seus desejos mundanos, ele não será um irmão sem lar, será apenas uma criança em trajes de monge.

Aqueles que são capazes de concentrar e controlar a mente, que possuem sabedoria, que removeram todos os desejos mundanos e que têm por único propósito alcançar a Iluminação – apenas estes podem ser chamados de verdadeiros irmãos sem lar.

Um verdadeiro irmão sem lar tem a firme determinação de atingir seu objetivo da Iluminação, mesmo se exaurindo até a última gota de sangue e mesmo que seus ossos se desintegrem. Tal homem, dando o máximo de si, alcançará finalmente o seu objetivo e disso dará evidências, com a sua habilidade em perpetrar atos meritórios de um irmão sem lar.

5. A missão de um irmão sem lar é levar adiante a luz dos ensinamentos de Buda. Ele deve pregar a todos; deve despertar os sonolentos; deve corrigir as falsas idéias; deve ajudar os homens a terem corretos pontos de vista; deve ir a toda parte e difundir largamente os ensinamentos, mesmo com o risco da própria vida.

A missão de um irmão sem lar é árdua, assim, aquele que a desejar deverá usar as roupas de Buda, sentar-se na cadeira de Buda e entrar na sala de Buda.

Usar a roupa de Buda significa ser humilde e praticar a tolerância; sentar-se na cadeira de Buda significa considerar tudo como não-substancial e não ter apegos de nenhuma espécie. Entrar na sala de Buda significa compartilhar a Sua grande compaixão a todos envolvente e ter simpatia para com tudo e todos.

Para estar apto a desfrutar da toda envolvente compaixão de Buda, deve-se sentar na cadeira da não-substancialidade, deve usar roupa da humildade e deve ensinar, largamente, a todos os homens.

6. Aqueles que desejam pregar razoavelmente o ensinamento de Buda devem preocupar-se com quatro coisas: primeira, devem preocupar-se com seu próprio comportamento; segunda, devem se preocupar com a escolha de palavras ao ensinar os homens; terceira, devem preocupar-se com o tema do ensinamento e o objetivo que querem atingir; e quarta, devem estar preocupados com a grande Compaixão de Buda.

Para ser um bom mestre do Dharma, um irmão sem lar deve, antes de tudo, ter os pés bem assentados no solo da tolerância, deve ser modesto, não deve ser excêntrico ou desejar publicidade, deve pensar constantemente na vacuidade das coisas e não deve apegar-se a nada. Se assim estiver interessado, será capaz de ter uma correta conduta.

Em segundo lugar, deve ter cautela em se aproximar das pessoas ou situações. Deve evitar pessoas de mal viver ou autoritárias e deve evitar as mulheres. Então, deve aproximar-

-se das pessoas amistosamente, devendo sempre lembrar-lhes que as coisas surgem da combinação de causas e condições e, chegando a este ponto, não deve censurá-las ou delas abusar, ou falar de seus erros ou tê-las em pequena estima.

Em terceiro lugar, deve manter a mente tranquila, considerando Buda como pai, considerando outros irmãos desabrigados que estão treinando para a Iluminação como seus mestres e olhando a todos com grande compaixão. Então, deve ensinar igualmente a todos os homens.

Em quarto lugar, deve deixar sua mente de compaixão manifestar-se, assim como fez Buda, em seu máximo grau. Deve dirigir sua mente de compaixão especialmente para aqueles que não sabem ainda alcançar a Iluminação, e tudo fará, com altruístico esforço, para despertar-lhes interesse.

II

OS IRMÃOS LEIGOS

1. Já foi dito que, para se tornar discípulo de Buda, deve-se acreditar nas Três Jóias: Buda, Dharma e Sangha.

Para se tornar um irmão leigo, deve-se ter uma inabalável fé em Buda, deve-se acreditar em Seus ensinamentos, estudar e pôr em prática os preceitos e deve-se apreciar a Fraternidade.

Os irmãos leigos devem seguir estes cinco preceitos: não matar, não roubar, não cometer adultério, não mentir ou ludibriar, e não usar tóxicos.

Os irmãos leigos devem não só acreditar nas Três Jóias e observar os preceitos, mas também devem, na medida do possível, explicá-los aos outros, especialmente aos seus parentes e amigos, tentando neles despertar uma inabalável fé em Buda, Dharma e Sangha, a fim de que eles também possam compartilhar a compaixão de Buda.

Os irmãos leigos devem sempre se lembrar de que a razão pela qual acreditam nos três tesouros e observam os preceitos, é para capacitá-los, em última instância, a alcançar a Iluminação. Por este motivo devem, embora vivendo num mundo de desejos, evitarem todo o apego a tais desejos.

Os irmãos devem sempre ter em mente que, cedo ou tarde, serão obrigados a partir, como seus pais e famílias, desaparecendo deste mundo de nascimento e morte; não devem, portanto, apegar-se às coisas desta vida, mas devem dirigir suas mentes para o mundo da Iluminação, em que nada desaparece.

2. Se os irmãos leigos quiserem despertar uma sincera e imperturbável fé nos ensinamentos de Buda, devem conceber em suas mentes uma tranquila e imperturbável felicidade, que brilhará em todos os seus ambientes e refletirá em seus rastros.

Esta mente de fé é pura e gentil, sempre paciente e tolerante, nunca discutindo, nunca causando sofrimento aos outros, mas sempre considerando os três tesouros: Buda, Dharma e Sangha. Assim, a felicidade espontaneamente brota em suas mentes e a luz para a Iluminação poderá ser encontrada em toda a parte.

Desde que, com a fé, encontrem refúgio no seio de Buda, eles se acham protegidos das mentes egoístas, dos apegos às suas posses e, assim, não sentem medo em suas vidas cotidianas nem temem as críticas.

Eles não temem a morte futura, já que acreditam no renascimento na Terra de Buda. Desde que têm fé na verdade e santidade dos ensinamentos, eles podem expressar seus pensamentos livremente e sem temor.

Desde que suas mentes estão cheias de compaixão para com todos os homens, não farão distinção entre eles, mas tratarão igualmente a todos, e desde que suas mentes estão livres do gostar e desgostar, elas estarão puras, eqüitativas e felizes ao fazer boas ações.

Quer vivam na adversidade, quer na prosperidade, isso não fará diferença para o aumento de sua fé. Se nutrirem a humildade, se respeitarem os ensinamentos de Buda, se forem consistentes no falar e no agir, se forem guiados pela sabedoria, se sua mente for tão inabalável como uma montanha, então, poderão ter grandes progressos no caminho da Iluminação.

Embora sejam forçados a viver em situação difícil e entre pessoas de mentes impuras, eles poderão induzi-las a fazer melhores ações, se tiverem fé em Buda.

3. Portanto, deve-se primeiro ter o desejo em ouvir os ensinamentos de Buda.

Se alguém lhe disser que para alcançar a Iluminação deverá passar pelo fogo, você deverá querer passar por esse fogo.

Vale a pena passar por este mundo cheio de fogos, quando se tem a satisfação de ouvir o nome de Buda.

Se alguém quiser seguir os ensinamentos de Buda, não deverá ser egoísta ou obstinado, deve nutrir sentimentos de boa vontade para com todos os semelhantes e deve respeitar aqueles que são dignos de respeito, servindo àqueles que assim o merecerem e tratar a todos com uniforme bondade.

Assim, os irmãos leigos devem treinar suas próprias mentes e não se perturbarem com as ações dos outros. Devem receber o ensinamento de Buda e pô-lo em prática, não devem invejar os outros nem por eles ser influenciados, e devem considerar outros meios que não estes.

Aqueles que não acreditam nos ensinamentos de Buda têm uma visão estreita e, conseqüentemente, uma mente perturbada. Mas, se aqueles que acreditam no ensinamento de Buda, acreditarem que há uma grande sabedoria e uma grande

compaixão envolvendo todas as coisas, não se perturbarão com ninharias.

4. Aqueles que ouvem e recebem o ensinamento de Buda sabem que suas vidas são transitórias, que seus corpos são meros agregados de sofrimento e a fonte de todos os males, e assim, não se apegam a eles.

Ao mesmo tempo, não descuidam de seus corpos, não porque desejem os prazeres físicos, mas porque o corpo é necessário para a aquisição da sabedoria e para a sua missão de explicar o caminho aos outros.

Se não cuidarem do corpo, não poderão viver muito tempo. Se não viverem muito tempo, não poderão, pessoalmente, praticar o ensinamento ou transmiti-lo aos outros.

Se um homem quiser cruzar um rio, deve cuidar de sua jangada. Se tiver que fazer uma longa jornada, deverá tratar bem de seu cavalo. Assim, se um homem quiser atingir a Iluminação, deverá ter muito cuidado com o seu corpo.

Aqueles que são discípulos de Buda devem usar roupas apenas para se protegerem dos extremos do calor ou do frio, não devem usá-las como decoração ou vaidade.

Devem se alimentar para nutrir o corpo, a fim de que possam ouvir, receber e explicar o ensinamento, não devem comer por mero prazer ou por gula.

Devem viver na casa da Iluminação, para se protegerem contra os assaltos das paixões mundanas e das turbulências do mau ensinamento; devem usá-las para o seu verdadeiro propósito e não para a exibição ou dissimulação de suas práticas egoístas.

Assim, devem-se avaliar as coisas e usá-las somente visando a Iluminação e o Ensinamento. Não se pode apegar-se a elas com propósitos egóicos, mas devem-se usá-las como útil veículo para o Ensinamento aos outros.

Portanto, sua mente deve sempre morar no Dharma, mesmo que esteja vivendo com sua família. Deve cuidar dos membros de sua família com a mente sábia e simpática, procurando vários meios para despertar em suas mentes a fé.

5. Os membros leigos do Sangha de Buda devem estudar, todos os dias, estas lições: Como servir a seus pais, como viver com a esposa e filhos, como se controlar a si próprios, e como servir a Buda.

Para melhor servir a seus pais, devem aprender a praticar a bondade para com toda a vida animada. Para viver feliz com a esposa e filhos, devem afastar-se da luxúria e dos pensamentos de conforto próprio.

Enquanto ouvem a música da vida familiar, não devem esquecer-se da mais doce música do ensinamento; enquanto vivem no aconchego do lar, devem procurar o mais seguro abrigo na prática da meditação, na qual os sábios encontram refúgio e proteção contra toda a impureza e inquietação.

Quando os leigos fizerem a caridade, deverão remover toda a cobiça dos corações, quando estiverem no meio de uma multidão, suas mentes deverão estar em companhia dos homens sábios e quando se defrontarem com o infortúnio, deverão conservar as mentes tranquilas e desobstruídas.

Quando se refugiarem em Buda, deverão procurar a Sua Sabedoria.

Quando se refugiarem no Dharma, deverão procurar sua verdade, o qual é como o grande oceano da sabedoria.

Quando se refugiarem no Sangha, deverão procurar sua tranquila solidariedade, desobstruída de todos os egóicos interesses.

Quando vestirem as roupas, não devem esquecer-se de usar a roupa da bondade e da humildade.

Quando quiserem se aliviar, deverão retirar de suas mentes toda a cobiça, ódio e a tolice.

Quando estiverem caminhando penosamente por uma estrada em aclave, deverão pensar na estrada da Iluminação que os conduzirá para além deste mundo de ilusão.

Quando estiverem caminhando por uma fácil estrada, deverão tirar proveito destas condições favoráveis para fazerem maior progresso em direção à aquisição do estado de um Buda.

Quando virem uma ponte, deverão desejar construir uma ponte de ensinamento para deixar os homens atravessá-la.

Quando virem um homem pesaroso, deverão lamentar a amargura deste mundo sempre mutável.

Quando virem um homem ganancioso, ansiarão estar livres de todas as ilusões desta vida e alcançar as verdadeiras riquezas da Iluminação.

Quando virem um alimento saboroso, deverão estar alertas e quando virem um alimento repugnante, desejarão que a ganância nunca mais possa retornar.

Durante o intenso calor do verão, deverão desejar estar longe do calor dos desejos mundanos e alcançar o doce frescor da Iluminação. Durante o insuportável frio de inverno, deverão pensar na tepidez da grande compaixão de Buda.

Quando adormecem, à noite, deverão desejar que seus corpo, fala e a mente possam ser purificados e revigorados; quando despertarem, de manhã, seu primeiro desejo deverá ser o de que, durante o dia, suas mentes possam estar claras para compreender todas as coisas.

6. Aqueles que seguem o ensinamento de Buda, porque entendem que tudo é caracterizado pela “não-substancialidade”, não tratam levemente as coisas que entram na vida de um homem, mas as aceitam como e para que elas são e, então, tentam fazê-las dignas de Esclarecimentos.

Não devem pensar que este mundo não tem significado e que está cheio de confusão, enquanto o mundo da Iluminação é cheio de significado e de paz. Devem, antes, experimentar o caminho da Iluminação em todas as coisas deste mundo.

Se um homem olhar o mundo com os olhos corrompidos e ofuscados pela ignorância, ele o verá cheio de erros, mas se o olhar com a clara sabedoria, o verá como o próprio mundo da Iluminação.

O fato é que há apenas um mundo, não dois, um sem significado e o outro cheio de significado, ou um bom e o outro mau. Os homens levados por sua faculdade discriminadora, insistem em pensar que há dois mundos.

Se eles pudessem se livrar destas discriminações e conservar suas mentes puras, com a luz da sabedoria, então, poderiam ver apenas um único mundo, no qual tudo tem o seu significado.

7. Aqueles que acreditam em Buda percebem em tudo a pureza universal da unicidade e, com esta mente, sentem compaixão por todos e humildemente servem a todas as pessoas.

Portanto, os leigos devem purificar suas mentes de todo o orgulho e alimentar a humildade, a cortesia e a serventia. Suas mentes devem ser como a dadivosa terra que nutre tudo imparcialmente, que serve sem se queixar, que sofre pacientemente, que está sempre zelosa que encontra a maior alegria

em servir aos pobres, plantando em suas mentes as sementes do ensinamento de Buda.

Assim, a mente que tem compaixão para com os pobres, torna-se a mãe de todos os homens, honra todas as pessoas, considera-as como amigos pessoais e os respeita como pais.

Portanto, embora milhares de pessoas possam ter empedernidos sentimentos e demonstrar inimizade para com os irmãos leigos budistas, elas não podem causar nenhum dano, pois tal ofensa é como uma gota de veneno nas águas do grande oceano.

8. Com os hábitos de cultivar a memória, a reflexão e o agradecimento, um irmão leigo poderá ter imensa felicidade. Chegará a compreender que sua fé é a própria compaixão de Buda e que lhe foi atirada por Buda.

Não há a semente da fé na lama da paixão mundana, mas, por causa da compaixão de Buda, as sementes da fé podem aí ser semeadas que purificarão a mente até que ela tenha fé para acreditar em Buda.

Como já foi dito o perfumado sândalo não pode crescer num bosque de mamoneiras. Da mesma maneira, as sementes da fé em Buda não podem vingar no seio da ilusão.

Mas agora, a flor da alegria aí está vicejando; assim, devemos concluir que, enquanto sua florescência está no seio

da ilusão, suas raízes estão em outra parte, isto é, estão no seio de Buda.

Se um irmão leigo for dominado pelo egoísmo, ele se tornará ciumento, invejoso, odioso e maldoso, porque sua mente se corrompeu com a cobiça, ira e com a tola e desenfreada paixão. Mas se retornar a Buda, realizará mesmo um maior serviço por Buda. Esta compaixão de Buda é realmente algo indescritível, maravilhoso.

CAPÍTULO II

GUIA PRÁTICO DO VERDADEIRO VIVER

I

A VIDA EM FAMÍLIA

1. É errado pensar que os infortúnios vêm do leste ou do oeste, porque eles se originam na própria mente. Portanto, é tolice proteger-se contra os infortúnios vindos de fora e deixar descontrolada a mente.

Há um antiquíssimo costume que muitas pessoas ainda seguem. Quando se levantam de manhã, primeiro lavam o rosto e a boca, depois se inclinam em seis direções – para o leste, oeste, sul, norte, para cima e para baixo – desejando com isso que nenhum infortúnio, vindo de qualquer direção, possa lhes suceder e que possam ter um dia tranquilo.

Assim não acontece com o ensinamento de Buda. Buda ensina que devemos respeitar as seis direções da Verdade e que devemos nos comportar sábia e virtuosamente, para que possamos, assim, evitar todos os infortúnios.

Para vigiar as portas destas seis direções, os homens devem remover a contaminação dos “quatro atos”, controlarem as “quatro mentes más” e tapar os “seis orifícios” que causam a perda de lares e das propriedades.

Por “quatro atos” entendem-se o matar, o roubar, o cometer adultério e a falsidade.

As “quatro mentes más” são a cobiça, a ira, a tolice e o medo.

Os “seis orifícios” que causam a perda da riqueza são os desejos pelas bebidas intoxicantes e tolo comportamento; estar acordado até altas horas da noite, desperdiçando a mente em frivolidade; viciar-se em espetáculos musicais e teatrais; jogar; associar-se às más companhias; negligenciar seus deveres.

Depois de terem removido estas quatro corrupções, de evitarem estes quatro maus estados da mente e de obstruírem estes seis orifícios do desperdício, os discípulos de Buda prestam reverências às seis direções da verdade.

Mas o que são estas seis direções da verdade? Elas são: o leste como caminho dos pais e filhos, o sul como o caminho do professor e aluno, o oeste como caminho do marido e mulher, o norte está como caminho do homem e seu amigo, em baixo está o caminho do amo e do criado, em cima está o caminho dos discípulos de Buda.

Primeiro, para se trilhar o caminho dos pais e filhos rumo ao leste, estes últimos deverão executar cinco ações. Eles devem tomar conta dos pais, trabalhar pelo bem dos pais, proteger a linhagem da família, herdar a propriedade da família e promover ofícios memoriais para seus ancestrais.

Da mesma forma, os pais devem também cumprir com cinco ações para com os filhos. Eles devem evitar as ações errôneas, promover as boas, fazer com que os filhos adquiram conhecimento e habilidades, fazer com que casem e lhes passar a propriedade familiar no tempo adequado. Se estas cinco coisas forem seguidas, o caminho dos pais e filhos para a direção do leste será pacífica e sem ressentimentos.

Agora, para se trilhar o caminho do professor e do aluno, este último deverá se levantar quando o professor se aproxima, atender às necessidades do professor com diligência, ouvi-lo com atenção, não negligenciar oferendas ao professor e receber seus ensinamentos com respeito.

Em retribuição, o professor deve guiar o aluno comportando-se com propriedade, passando a este todo o seu conhecimento adquirido e preparar o caminho do aluno para receber honras, bem como benefícios e respeito em qualquer lugar. Então, o caminho do professor e do aluno em direção ao sul será pacífica e sem ressentimentos.

A seguir, para se trilhar o caminho do marido e esposa para a direção oeste, o marido deve tratá-la com respeito, cortesia e fidelidade, dar à ela poder de decisão e presentear-lá. A esposa deve executar seu trabalho corretamente e atender às necessidades dos membros da família, ser fiel ao marido, proteger a propriedade familiar e fazer com que os assuntos familiares sejam bem encaminhados. Desta forma, o caminho do marido e esposa em direção ao oeste será pacífica e sem ressentimentos.

Ainda, para se trilhar os caminho dos amigos para a direção norte, devemos provê-los com o que necessitam, falar-lhes com carinho, trabalhar para seus benefícios, sempre com dedicação e tratá-los com honestidade.

Devemos nos esforçar para prevenir nossos amigos de seguirem por caminhos errados, proteger suas propriedades no caso de se perderem pelo caminho, ouvir suas lamentações quando estiverem com problemas, emprestar uma mão amiga quando passarem por tempos difíceis e apoiar suas famílias quando necessário. Desta forma, o caminho dos amigos em direção ao norte será pacífica e sem ressentimentos.

Para se trilhar o caminho do senhor e do servo na direção do nadir, o mestre deve observar os cinco pontos seguintes quando for lidar com seus servos. Fazer com que os servos trabalhem de acordo com suas habilidades, provê-los com boas refeições e uma compensação ampla, cuidar para que tenham comidas deliciosas e tenham descanso em períodos apropriados.

O servo, por sua vez, deve levantar-se antes do patrão e dormir depois dele; deve sempre ser honesto; deve esforçar-se em fazer bem o trabalho, e tentar não trazer descrédito ao nome do amo. Se estas regras forem seguidas, haverá paz e não discórdia entre amo e criado.

A seguir, o caminho para servir aqueles que pregam os ensinamentos em direção ao zênite, é tratar aqueles que ensinam com o máximo de respeito corporal, na fala e

mental. Devemos também receber os pregadores com cortesia, ouvir e observar seus ensinamentos e fazer oferendas com eles.

Desta forma, aquele que prega os ensinamentos deve rejeitar o mal, promover a bondade, ser compassivo com bom coração, pregar os padrões morais, fazer com que os ouvintes compreendam seus ensinamentos integralmente e fazer com que as pessoas atinjam um estado de paz. Desta forma, o caminho dos que servem aqueles que pregam os ensinamentos em direção ao zênite será pacífico e sem ressentimentos.

Um homem que se curva nas seis direções, não deve fazê-lo com o fim de escapar dos infortúnios vindos de fora. Deve fazê-lo para estar alerta contra o surgimento dos males do interior de sua própria mente.

2. Um homem deve reconhecer entre os seus conhecidos, aqueles que são dignos de sua amizade e aqueles que não o são.

Os homens, aos quais não devemos nos associar, são aqueles gananciosos, tagarelas, adulares ou dissipadores.

Os homens, aos quais devemos nos associar, são aqueles solícitos, com quem podemos compartilhar não só a felicidade, mas também a desgraça, que dão bons conselhos e que têm um coração simpático.

Um bom amigo, o verdadeiro amigo, com quem se pode associar com segurança, é aquele que, aferrando-se

sempre rigorosamente no bom caminho, preocupa-se com o bem estar de seu amigo, consola-o no infortúnio, oferece-lhe a mão auxiliadora, sempre que necessário, guarda-lhe os segredos e sempre lha dá bons conselhos.

É muito difícil encontrar amigo como este e, portanto, devemos tentar, por todos os meios, ser um amigo como este. Assim como o sol esquentava a dadivosa terra, um bom amigo brilha na sociedade por seus bons atos.

3. Seria impossível a um filho retribuir a seus pais toda a afável bondade, mesmo que pudesse, durante cem longos anos, carregar seu pai no ombro direito e sua mãe no esquerdo.

Mesmo que pudesse, durante cem anos, banharem os corpos de seus pais com unguentos aromáticos, servi-los como um filho ideal, ganhar um trono para eles e lhes dar todo o luxo do mundo, ainda assim não estaria apto em lhes retribuir suficientemente a grande dívida de gratidão que a eles deve.

Mas, se conduzir seus pais à presença de Buda, e lhes explicar os ensinamentos de Buda, os persuadirem a abandonar o errado e seguir o correto caminho, levá-los a abandonar toda a cobiça e desfrutar da prática da caridade, aí então estará mais do que lhes retribuindo a bondade.

4. A família é o lugar onde as mentes estão em contato umas com as outras. Se estas mentes se amarem umas as outras, o lar será tão belo quanto um jardim florido. Mas, se estas mentes se desarmonizarem umas com as outras, o lar será como uma

tempestade que devasta o jardim. Se a discórdia surgir no seio da família, não se devem culpar os outros, mas deve-se examinar a própria mente e seguir o correto caminho.

5. Era uma vez um homem de grande fé. Seu pai falecera, quando ainda ele era muito jovem, mas viveu feliz com sua mãe durante muito tempo, até que se casou.

A princípio viveram felizes juntos, porém, por causa de um pequeno mal entendido, a nora e a sogra desgostaram-se uma da outra. Esta divergência entre ambas cresceu tanto que, um dia, a mãe deixou o jovem casal e foi viver sozinha.

Tão logo a sogra saiu, o jovem casal teve um filho. Um boato, em que a jovem esposa dizia: “Minha sogra vivia sempre me importunando e enquanto viveu conosco, nada agradável jamais aconteceu aqui, mas assim que nos deixou, tivemos este feliz evento” – chegou aos ouvidos da sogra.

Este boato irritou deveras a sogra que vociferou: “Se a mãe do marido é enxotada de casa e aí tem lugar um feliz acontecimento, quer dizer então que as coisas chegaram a esse ponto. Parece-me que a correção desapareceu do mundo”.

Prosseguindo, a mãe disse: “Devemos agora fazer o funeral desta probidade”. Como uma desvairada mulher, ela foi ao cemitério fazer o serviço funerário.

O deus Indra tomando conhecimento deste incidente, apareceu diante da mulher e tentou dissuadi-la, mas em vão.

O deus Indra então disse: “Se assim o quer, devo queimar a criança e sua mãe até a morte. Isto lhe satisfará?”

Ouvindo o que deus Indra lhe dizia, a sogra compreendeu o seu erro, arrependeu-se do ódio e suplicou ao deus, que poupasse a vida da criança e de sua mãe. Ao mesmo tempo, a jovem esposa e o marido compreenderam a injustiça que cometeram para com a velha mulher e foram ao cemitério procurá-la. O deus Indra os reconciliou e a partir daí eles viveram juntos, constituindo uma família feliz.

A probidade nunca será perdida para sempre, a menos que a abandonemos. A probidade parece ocasionalmente desaparecer, mas, verdadeiramente, nunca desaparece. Se ela parece desaparecer é porque nós estamos perdendo a retidão de nossa própria mente.

As mentes discordantes muitas vezes trazem desastre. A um mal entendido pode seguir um grande infortúnio. Isto é um fato que deve ser evitado especialmente na vida em família.

6. Na vida familiar, a questão das despesas diárias sempre requer o máximo de cuidado. Cada membro deve trabalhar arduamente como as formigas e abelhas diligentes. Ninguém deve contar o esforço dos outros nem esperar por sua caridade.

Por outro lado, um homem não deve considerar o dinheiro que ganhou como totalmente seu. Parte deve ser compartilhada com os outros, outra parte deve ser economizada para qualquer emergência, outra parte deve ser separada para as necessidades da comunidade, sendo que algum dele deve ser dedicado às necessidades religiosas.

Sempre se deve lembrar que nada, no mundo, pode ser estritamente considerado como “meu”. Tudo o que chega a uma pessoa vem movida pela combinação das causas e condições; ela pode conservá-lo apenas temporariamente e, portanto, não deve usá-lo de forma egóica ou para indignos propósitos.

7. Certa feita, Syamavati, a rainha consorte do rei Udayana, ofereceu quinhentas peças de roupas a Ananda, que as aceitou com grande satisfação.

O rei, tomando conhecimento do ocorrido e suspeitando de alguma desonestidade por parte de Ananda, perguntou-lhe o que iria fazer com estas quinhentas peças de roupa. Ananda respondeu-lhe: “Ó, meu Rei, muitos irmãos estão em farrapos e eu vou distribuir estas roupas entre eles”. Assim estabeleceu-se o seguinte diálogo.

“O que farão com as velhas roupas?”

“Faremos lençóis com elas”.

“O que farão com os velhos lençóis?”

“Faremos fronhas”.

“O que farão com as velhas fronhas?”

“Faremos tapetes com elas”.

“O que farão com os velhos tapetes?”

“Usá-los-emos como toalhas de pé”.

“O que farão com as velhas toalhas de pés?”

“Usá-las-emos como panos de chão”.

“O que farão com os velhos panos de chão?”

“Sua alteza, nós os cortaremos em pedaços, misturá-los-emos com o barro e usaremos esta massa para rebocar as paredes da casa”.

Devemos usar, com cuidado e proveitosamente, todo artigo que a nós for confiado, pois não é “nosso” e nos foi confiado apenas temporariamente.

II

A VIDA DAS MULHERES

1. O relacionamento marido e mulher não foi destinado apenas para o atendimento da mútua conveniência. Ele tem um significado mais profundo que a mera associação entre dois corpos físicos numa casa. Marido e mulher devem tirar proveito das intimidades de sua associação, para se ajudarem um ao outro em treinar suas mentes no sagrado ensinamento.

Um velho casal, um “casal ideal”, como se diz, certa vez, veio à presença de Buda e disse: “Senhor, nós nos casamos depois de nos termos conhecido na infância e nunca tivemos uma nuvem sequer a toldar nossa felicidade. Por favor, digam-nos se, na outra vida, voltaremos a nos casar”.

Buda deu-lhes esta sábia resposta: - “Se ambos tiverem exatamente a mesma fé, se receberem o ensinamento exatamente da mesma maneira e se tiverem a mesma sabedoria, então, poderão viver com as mesmas mentes no próximo renascimento”.

2. No caminho da iluminação, não há distinções de sexo. Se uma mulher tiver a mente para buscar a iluminação, ela se tornará a heroína do Verdadeiro Caminho. Mallika, filha do Rei Prasenajit e da Rainha Ayodhya, foi uma dessas heroínas. Tendo grande fé no ensinamento do Abençoado, fez, em Sua presença, os dez seguintes votos:

“Meu Senhor, até que alcance a iluminação, não violarei os sagrados preceitos; não serei arrogante diante das pessoas mais velhas que eu; não me irritarei com ninguém”.

“Não terei ciúmes de ninguém nem invejarei suas posses; não serei egoísta com a mente ou com a propriedade; tentarei fazer felizes os pobres com as coisas que receber e não as guardarei para mim mesma”.

“Receberei cortesmente a todos, dar-lhes-ei o que precisarem, falarei afetosamente com eles; considerarei as suas circunstâncias e não a minha conveniência; tentarei beneficiá-los sem parcialidade.

“Se eu vir os outros na solidão, na prisão, sofrendo de doenças ou com outros problemas, eu tentarei confortá-los e fazê-los felizes, explicando-lhes as razões e leis de seus sofrimentos.

“Se eu vir os outros caçando animais e sendo cruéis com eles, ou violando algum preceito, eu os punirei se assim o merecerem, mas também eu os ensinarei, desde que assim o mereçam, e, depois, tentarei desfazer o que eles fizeram e corrigirei os seus erros, empenhando-me ao máximo.

“Não me esquecerei de ouvir o correto ensinamento, pois sei que, quando se negligencia este ensinamento, afasta-se de toda a verdade que existe em toda a parte e não se poderá alcançar a outra praia da iluminação”.

A seguir, para salvar os pobres homens, proferiu estes três desejos: - “Primeiro, tentarei fazer tranquilos a todos. Este desejo, creio eu, em qualquer vida que possa ter futuramente, será a raiz da bondade que crescerá na sabedoria do bom ensinamento.

“Segundo, depois que tiver recebido a sabedoria do bom ensinamento, ensinarei, incansavelmente a todos os homens.

“Terceiro, tentarei, mesmo com sacrifício de meu próprio corpo, vida ou propriedade, proteger o verdadeiro ensinamento”.

O verdadeiro significado da vida em família está na oportunidade que ela dá para o mútuo encorajamento e ajuda, entre os seus membros que trilham o caminho da iluminação. Uma mulher pode tornar-se uma grande discípula de Buda, como foi Mallika, se tiver a mesma mente para buscar a iluminação, como os desta heroína.

CAPÍTULO III

CONSTRUINDO A TERRA DE BUDA

I

A HARMONIA DA FRATERNIDADE

1. Imaginemos um campo deserto, mergulhando na escuridão, com muitos seres vivos aí se atropelando cegamente.

Estarão naturalmente aterrorizados, e enquanto andam para lá e para cá, sem se reconhecerem uns aos outros, durante a noite, haverá freqüentes aborrecimentos e solidão. É deveras um lamentável espetáculo.

Imaginemos então que, de repente, um homem superior apareça com uma tocha na mão, e que tudo nesse campo se torne claro e brilhante.

Os seres vivos que se encontram na obscura solidão sentem, de repente, um grande alívio, quando olham ao seu redor e podem reconhecer uns aos outros, e retornam alegremente a desfrutar de sua camaradagem.

Pelo campo deserto deve-se entender o mundo da vida humana, quando está mergulhando nas trevas de ignorância. Aqueles que não têm a luz da sabedoria em suas mentes perambulam na solidão e no temor. Nasceram sozinhos e sozinhos morrerão; eles não sabem como se associar aos

seus semelhantes em tranqüila harmonia e são naturalmente desesperados e temerosos.

Um homem superior com a tocha é o Buda, assumindo a forma humana e que com Sua Sabedoria e compaixão ilumina todo o mundo.

Com esta luz os homens se encontram uns aos outros e se sentem felizes em estabelecer o companheirismo e harmoniosas relações.

Milhares de pessoas podem viver em uma comunidade, mas não haverá uma verdadeira associação até que elas se conheçam mutuamente e tenham simpatia umas pelas outras.

A verdadeira comunidade tem fé e sabedoria que a iluminam. É o lugar onde as pessoas se conhecem e dependem umas das outras, e onde há harmonia social.

A harmonia é, de fato, a vida e o real sentido de uma verdadeira comunidade ou organização.

2. Há três espécies de organizações. Primeiro, há aquelas que têm por base o poder, a riqueza ou a autoridade de grandes líderes.

Segundo, há aquelas que são organizadas por conveniência dos membros, e continuarão a existir enquanto os membros satisfizerem suas conveniências e não discordarem.

Terceiro, há aquelas que se organizam, tendo como centro de suas atividades um bom ensinamento e tendo a harmonia como guia de sua vida.

Destas três a última delas é modelo da verdadeira organização, pois, nela, os membros, não sendo discordantes, primam pela unicidade de suas mentes, podendo com isso cultivar várias virtudes. Em tais organizações prevalecerão a harmonia, a satisfação e a felicidade.

A Iluminação é como a chuva que cai na montanha e desce, formando regato que se transforma em riacho, depois em rio que finalmente desemboca no oceano.

A chuva do sagrado ensinamento cai indistintamente sobre todos os homens, sem considerar suas condições, em comunidade, até que finalmente se encontrem no grande oceano da Iluminação.

As mentes destas pessoas se combinam como o leite e a água e se organizam em uma harmoniosa Fraternidade.

Assim, o verdadeiro ensinamento é o requisito fundamental para uma perfeita organização, é a luz que capacita os homens a se reconhecerem e a se ajustarem uns aos outros, é a luz que apara as arestas de seus pensamentos.

Desta maneira, a organização que tem por base os ensinamentos de Buda pode ser chamada de Fraternidade.

Teoricamente, a Fraternidade de Buda inclui a todos, mas na realidade, apenas aqueles que professam a mesma fé religiosa é que são os seus membros. Portanto, todos devem observar estes ensinamentos e disciplinar adequadamente as suas mentes.

3. A Fraternidade de Buda se comporá de duas classes de membros: - A classe daqueles que ensinam os membros leigos, e a daqueles que sustentam os mestres, providenciando-lhes os necessários alimentos e roupas. Ambas as classes juntas disseminarão e perpetuarão o ensinamento de Buda.

E, para que a Fraternidade seja completa, nela deve haver perfeita harmonia entre os seus membros. Os mestres deverão amar e ensinar os irmãos leigos, e estes deverão honrá-los, para que possa entre eles haver harmonia.

Os membros da Fraternidade de Buda devem associar-se com afetuosa simpatia, sentirem-se felizes em viver juntos com todos os membros e procurar tornarem-se unos em mentes.

4. Há seis requisitos que são necessários para que haja harmonia numa fraternidade. São eles: primeiro, sinceridade no falar; segundo, sinceridade e bondade no agir; terceiro, sinceridade e simpatia no pensar. Quarto, compartilhar eqüitativamente a propriedade comum. Quinto, seguir os mesmos preceitos; sexto, todos deverão ter corretos pontos de vista.

Dentre estes seis requisitos, o sexto, isto é, “todos deverão ter corretos pontos de vista”, é o mais importante, é o núcleo, e os outros cinco lhe servem de envoltório.

Para que uma fraternidade cumpra os seus desígnios e tenha êxito, é preciso que se sigam dois grupos de normas. Eis o primeiro deles:

(1) Os membros devem se reunir freqüentemente, para ouvir e discutir os ensinamentos.

(2) Devem imiscuir-se livremente e respeitarem-se uns aos outros.

(3) Todos devem honrar o ensinamento e respeitar as regras, sem as mudar.

(4) Os mais velhos e os mais jovens membros devem tratar-se com cortesia.

(5) Devem cultivar a mente de sinceridade e reverência.

(6) Devem purificar suas mentes em um lugar tranquilo e manter-se recato, e dar prioridade aos outros.

(7) Devem amar a todas as pessoas, tratar cordialmente os visitantes, e consolar com doçura os doentes. Uma fraternidade que seguir estas normas nunca se definhará.

O segundo grupo de normas preceitua que cada um deve: (1) Manter a mente pura e não perguntar por muitas coisas. (2) Manter-se íntegro e afastar toda a cobiça. (3) Ser paciente e não discutir. (4) Guardar silêncio e não tagarelar futilmente. (5) Submeter-se aos regulamentos e não ser arrogante. (6) Manter a mente sempre constante e não seguir diferentes doutrinas. (7) Ser parcimonioso e moderado no viver diário. Se seus membros seguirem estas regras, a Fraternidade perdurará e prosperará.

5. Como foi acima mencionado, uma Fraternidade deve manter-se harmoniosa; a associação que não tiver harmonia não pode, portanto, ser considerada uma fraternidade. Cada membro deve estar alerta para não ser a causa da discórdia. Se sugerir a discórdia, ela deve ser removida o mais cedo possível, pois a desarmonia logo arruina toda a organização.

As manchas de sangue não podem ser removidas com mais sangue; o ressentimento não pode ser removido com mais ressentimento, ele deve ser afastado com o esquecimento.

6. Era uma vez um rei chamado Calamidade, cujo país fora conquistado por Brahmadata, um vizinho e belicoso rei. O Rei Calamidade foi capturado, depois de estar escondido com a esposa e o filho, mas, afortunadamente seu filho, o príncipe, pôde escapar.

O príncipe tentou, por todos os meios, salvar o seu pai, mas em vão. No dia da execução do pai, disfarçando-se, conseguiu chegar até o pátio da execução, mas nada pôde fazer

a não ser observar, com terrível angústia e mortificação, a morte do infortunado pai.

O pai, ao ver seu filho perdido na multidão, falou, como se tivesse murmurado para si mesmo: “Não procure por muito tempo; não aja precipitadamente; o ressentimento somente pode ser aplacado pelo esquecimento”.

Posteriormente, o príncipe procurou, durante muito tempo, um meio de vingança. Por fim, conseguiu empregar-se como criado no palácio de Brahmadata, aonde chegou a ganhar a confiança do rei.

Certo dia, o rei foi caçar e o príncipe o acompanhou e procurou oportunidade para se vingar. Levou o amo para um lugar solitário onde o rei, estando muito cansado e porque cegamente confiava no príncipe, adormeceu em seu colo.

Tendo esta incomum oportunidade para se vingar, o príncipe tirou seu punhal e o levou à garganta do rei, mas aí hesitou. As palavras proferidas pelo pai, no momento de sua execução, repentinamente brilharam em sua mente e, embora tentasse novamente, não pôde matar o rei. Subitamente, o rei despertou e disse ao príncipe que havia tido um sonho, no qual o filho do rei Calamidade tentava matá-lo.

O príncipe, brandindo o punhal, agarrou impetuosamente o rei e, identificando-se como o filho do Rei Calamidade, disse-lhe que a oportunidade de vingar o pai, pela qual sempre buscara, havia finalmente chegado.

Entretanto, nada pôde fazer, e jogou ao chão o seu punhal, e caiu de joelhos aos pés do rei.

Quando o rei ouviu a estória deste príncipe e as palavras finais de seu pai, ficou impressionado e o perdoou. Mais tarde, restituiu o antigo reino ao príncipe e os dois países viveram em paz durante muito tempo.

As palavras finais do Rei Calamidade: “Não procure por muito tempo”, significam que o ressentimento não deve ser nutrido por muito tempo, e “Não aja precipitadamente” que dizer que a amizade não deve ser rompida precipitadamente.

O ressentimento não pode ser satisfeito com ressentimento; somente pelo esquecimento se pode removê-lo.

Na solidariedade de uma Fraternidade, que se baseia na harmonia do correto ensinamento, todo membro deve sempre observar a moral desta estória.

Não só os membros da Fraternidade, mas também todos os homens, em geral, devem apreciar e praticar esta moral, em suas vidas cotidianas.

II

A TERRA DE BUDA

1. Se a Fraternidade não se esquecer do dever de disseminar o Dharma de Buda e de viver em harmonia, ela crescerá firme e vigorosamente e seu ensinamento se disseminará cada vez mais amplamente.

Isto significa que mais e mais pessoas estarão buscando a Iluminação e que os maus exércitos da cobiça, ira e da tolice, que são conduzidos pelas nefandas ignorância e luxúria, começarão a se retirar; significa ainda que a sabedoria, a luz, a fé e a alegria imperarão.

O domínio do demônio está cheio de cobiça, trevas, luta, guerra, carnificina, e está repleto de ciúme, preconceito e abuso.

Suponhamos, agora, que a luz da sabedoria brilhe sobre este domínio, que a chuva da compaixão caia sobre ele, que a fé comece a se arraigar, e que as flores da alegria comecem a espalhar a sua fragrância. O que poderá acontecer com este domínio do demônio? Ele se transformará na Terra Pura de Buda.

Assim como a brisa suave e as poucas flores dos galhos anunciam a chegada da primavera, a grama, as árvores, as montanhas, os rios e todas as outras coisas começarão a palpitar com nova vida, quando um homem alcança a Iluminação.

Se a mente de um homem se torna pura, seu ambiente também se tornará puro.

2. Numa terra em que prevalece o verdadeiro ensinamento, todo habitante tem a mente pura e tranquila. Realmente, a compaixão de Buda beneficia incansavelmente a todos os homens, sua mente resplandecente expulsa todas as impurezas de suas mentes.

Uma mente pura torna-se profunda e comparável ao Nobre Caminho, torna-se uma mente que gosta de dar, de conversar os preceitos, torna-se uma mente perdurável, zelosa, calma, sábia, compassiva e uma mente que leva os homens à Iluminação, por meios hábeis. Assim se construirá a Terra de Buda.

Uma família que busca a Iluminação transforma-se em um lar onde Buda está presente; um país que sofre por causa das distinções sociais é, da mesma maneira, transformado em uma comunidade de mentes idênticas.

Um palácio de ouro, mas manchado de sangue, não pode ser a morada de Buda, mas um casebre, em que o luar entra através das fendas do teto, pode ser transformado em palácio, onde Buda poderá morar, se o dono tiver uma mente pura.

A mente pura que constrói a Terra de Buda atrai para si outras mentes puras e, juntas, formam a solidariedade de uma Fraternidade. A fé em Buda se propaga do indivíduo

para a família, da família à aldeia, da aldeia às cidades, destas aos países e, finalmente, a todo o mundo.

A seriedade e a sinceridade em disseminar o ensinamento do Dharma são, realmente, as construtoras da Terra de Buda.

3. Visto de um determinado ângulo, este mundo, com toda sua ganância, injustiça e carnificina, parece ser o mundo do demônio; mas quando os homens começarem a acreditar na Iluminação de Buda, o sangue se transformará em leite e a cobiça em compaixão, e, então, a terra do demônio se transformará na Terra da Pureza de Buda.

Esgotar um oceano com uma única concha parece-nos uma tarefa impossível, mas a determinação de fazê-lo, mesmo que se levem muitas e muitas vidas, é a intenção adequada, com a qual se deve receber a Iluminação de Buda.

Buda espera a todos na outra praia, isto é, no Seu mundo da Iluminação, em que não há ganância, nem ódio, nem sofrimento e nem agonia, é um mundo onde há apenas a luz da sabedoria e a chuva da compaixão.

É uma terra de paz, um refúgio para aqueles que sofrem e para aqueles que vivem na tristeza e na agonia; é um lugar de repouso para aqueles que estão fatigados em disseminar os ensinamentos do Dharma.

Nesta terra pura há uma infinita Luz e uma duradoura Vida. Aqueles que alcançarem esta enseada jamais retornarão ao mundo de ilusões.

Esta Terra Pura, em que as flores perfumam o ar com a fragrância da sabedoria e onde os pássaros cantam o Dharma sagrado, é, realmente, o objetivo final de toda a humanidade.

4. Embora esta Terra Pura seja o lugar para se repousar, não é o lugar da indolência. Suas camas de flores perfumadas não são para a indolente apatia, mas são lugares para o refre- gério e descanso, onde se restauram a energia e o cuidado para prosseguir a missão de Iluminação de Buda.

A missão de Buda é interminável. Sua missão não terminará enquanto os homens viverem, e enquanto as mentes egoístas e corrompidas criarem os seus mundos e ambientes.

Os filhos de Buda que alcançaram a Terra Pura, pelo grande poder de Amida, devem estar ansiosos para retornar à Terra de onde vieram e onde ainda têm vínculo; aí darão sua parcela de contribuição para a missão de Buda.

Assim como a luz de uma pequena vela se propaga, em sucessão de uma para outra, a luz da compaixão de Buda pas- sará interminavelmente de uma para a outra mente.

Os filhos de Buda, compreendendo a Sua mente de compaixão, adotam Sua missão de Iluminação e Purificação, e a transmitem de geração em geração para que a Terra de Buda seja sempre glorificada.

III

OS QUE ENALTECERAM A TERRA DE BUDA

1. Syamavati, a consorte do Rei Udayana, era profundamente devotada a Buda.

Vivia ela nas mais recônditas do palácio e não saía para nada, mas Uttara, sua criada corcunda e que tinha excelente memória, costumava sair e ouvir os sermões de Buda. Quando retornava ao palácio, repetia à Rainha tudo aquilo que ouvira do Abençoado, e assim, a Rainha teve a oportunidade de aprofundar a sua sabedoria e fé.

A segunda esposa do rei, levada pelo ciúme, procurou eliminar Syamavati. Ela a caluniou tanto que o Rei, nela acreditando, resolveu matar a sua primeira esposa, Syamavati.

A Rainha Syamavati permaneceu tão calma diante do Rei, que ele não teve coragem de matá-la. Readquirindo o autocontrole, ele lhe pediu perdão por sua desconfiança.

Com isso, o ciúme da segunda esposa aumentou ainda mais e ela mandou uns perversos homens atear fogo nos aposentos interiores do palácio, durante a ausência do Rei. Syamavati permaneceu calma, tranquilizou e encorajou as criadas, e então, sem temor nenhum, morreu tranquilamente, como aprendera do Abençoado. Uttara, sua criada corcunda, com ela morreu no fogo.

Entre as discípulas de Buda, estas duas foram as mais honradas: a Rainha Syamavati, como a mente compassiva, e sua criada corcunda, como a sábia Uttara.

2. Mahanama, o Príncipe do clã Sakya e primo de Buda, tinha grande fé nos ensinamentos de Buda e foi um dos seus mais fiéis seguidores.

Por esta época, o violento rei de Kosala, chamado Virudaka, conquistou o clã Sakya. O Príncipe Mahanama foi à presença do Rei e lhe pediu que poupasse as vidas de seus homens, mas o Rei não o atendeu. Então, propôs ao Rei que deixasse escapar tantos prisioneiros quantos pudessem fugir, enquanto ele permanecesse mergulhado num lago próximo.

O Rei concordou com isso, pensando que o Príncipe não resistiria ficar mergulhado por muito tempo.

Os portões do castelo foram abertos, enquanto Mahanama mergulhava no lago, para que os prisioneiros escapassem. Mas Mahanama não emergiu, sacrificando sua vida em prol das vidas de seus homens, amarrando seus cabelos na raiz submersa de um salgueiro.

3. Utpalavarna foi uma famosa monja, cuja sabedoria se comparava com a de Maudgalyayana, um grande discípulo de Buda. Ela era realmente a monja de todas as monjas e sempre foi a sua líder, nunca se cansando em ensiná-las.

Devadatta era um homem muito perverso e cruel. Ele envenenara a mente do Rei Ajatasatru, persuadindo-o a que se voltasse contra os ensinamentos de Buda. Mas, posteriormente, o Rei Ajatasatru se arrependeu, rompeu sua amizade com Devadatta, e se tornou um humilde discípulo de Buda.

Um dia, quando Devadatta tentou se avistar com o Rei e foi expulso do castelo, encontrou-se com Utpalavarna que saía do palácio. Isto o irritou muito, chegando a espancá-la e feri-la seriamente.

Ela retornou ao seu convento, sofrendo dores horríveis, e quando outras monjas tentaram consolá-la, ela lhes disse: “queridas irmãs, a vida humana é imprevisível, tudo é transitório e sem Substância. Somente o mundo da Iluminação é sossegado e pacífico. Vocês devem continuar os seus treinamentos”. Então, tranquilamente deixou este mundo.

4. Angulimalya, outrora um sanguinário bandido que matara muitas pessoas, foi salvo pelo Bem-Aventurado e se tornou um dos membros da Fraternidade.

Um dia, quando mendigava em uma cidade, padeceu de miséria e de dores, por causa de seu passado de más ações.

Os aldeões caíram sobre ele e o espancaram severamente, mas conseguiu voltar até o Bem-Aventurado; com seu corpo sangrando, caiu aos seus pés e agradeceu-lhe pela oportunidade de poder sofrer pelos antigos e cruéis atos.

Ele disse: “Ó Bem-Aventurado, o meu nome era originalmente “Não Ferir”, mas por causa de minha ignorância, tirei muitas vidas preciosas, e de cada uma das vítimas arrancava um dedo; e eis porque fui chamado de Angulimalya, o colecionador de dedos.

“Então, com a sua compaixão, aprendi a sabedoria e me tornei um devoto das Três Jóias - Buda, Dharma e Sangha. Quando um homem guia um cavalo ou um boi, ele tem de usar um chicote ou uma corda, mas Tu, ó Bem-aventurado, purificaste a minha mente, sem o uso do chicote, da corda ou da farpa.

“Hoje, ó Bem-aventurado sofri apenas o que me era devido. Não desejo viver nem desejo morrer. Apenas espero a minha hora chegar”.

5. Maudgalyayana, juntamente com o venerável Sariputra, foi um dos dois maiores discípulos de Buda. Quando os mestres de outras religiões viram que a água pura dos ensinamentos de Buda se espalhava e era ansiosamente bebida pelos homens, ficaram enciumados e lhe opuseram vários obstáculos em suas pregações.

Mas nenhum destes obstáculos pôde parar ou evitar que seu ensinamento se disseminasse amplamente. Os seguidores de outras religiões tentaram matar Maudgalyayana.

Por duas vezes escapou do ataque, mas na terceira vez não pôde fugir ao cerco de muitos idólatras e sucumbiu ante os seus golpes.

Amparado pela Iluminação, calmamente recebia os golpes e morreu tranquilamente, embora sua carne fosse dilacerada e seus ossos esmagados.

**FONTES DE REFERÊNCIA
PARA A EXECUÇÃO DA
OBRA “A DOCTRINA
DE BUDA”**

Fontes de Referência para a execução da obra “The Teaching of Buddha”.

Abreviaturas usadas:

- DN – Dīgha Nikāya
 MN – Majjhima Nikāya
 SN – Saṃyutta Nikāya
 AN – Aṅguttara Nikāya

BUDA

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
Capítulo I			
I	2	1º	Vários Sutras
	5	1º	AN 3-38, sutra Sukhumāla
	5	3º	MN 3-26, sutra Ariyapariyesana
	5	5º	Vários Sutras
	7	1º	MN 9-85, sutra Bodhirājakumāra
	7	2º	Vários Sutras
	7	4º	Sutras Nipāta 3-2, Padhāna
	7	5º	Vários Sutras
	8	3º	Vinaya, Mahāvagga 1
	9	3º	DN 16, sutra Mahāparinibbāna
II	10	3º	DN 16, sutra Mahāparinibbāna
	11	2º	Sutra Parinibbana
	13	3º	Sutra Parinibbana
	13	5º	DN 16, sutra Mahāparinibbana
Capítulo II			
I	15	1º	Sutras Amitāyur-dhyāna e Vimalakīrtinirdesa

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
	15	2º	Sutra Suramṅama
	15	3º	Sutras Vimalakīrti-nirdeśa e Mahāparinirvāṇa
	16	2º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka 16
	17	1º	Sutra Mahāyāna-jātaka-cittabhūmi-parīksā
	17	2º	Sutra Mahāparinirvāṇa
II	19	1º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka 3
	20	1º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka 4
	21	4º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka 5
III	22	4º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka 16
Capítulo III			
I	25	1º	Sutra Avataṃsaka 3
	26	2º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	26	3º	Sutra Avataṃsaka
	26	5º	Sutra Survarṇaprabhāsottamarāja 3
II	29	2º	Sutra Avataṃsaka
	29	3º	Sutra Avataṃsaka 34, Gaṇḍavyūha
	29	4º	Sutra Sukhāvativyūha Menor
	29	5º	Sutra Avataṃsaka
	30	2º	SN 35-5
	30	3º	Sutra Mahāparinirvāṇa

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
III	32	3º	MN 8-77, sutra Mahāsakulūdayi
	33	2º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	33	5º	Sutra Laṅkāvatāra
	34	2º	Sutra Avataṃsaka 32
	34	5º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka 25
	35	1º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	35	3º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka 2
	35	4º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka 2
DHARMA			
Capítulo I			
I	38	1º	Vinaya, Mahāvagga 1-6 e SN 56-11-12, sutra Dhammacakravartana
	39	4º	Sutra Itivuttaka 103
	40	2º	MN 2, sutra Sabbāsaya
	40	3º	Sutra das Quarenta e duas Seções, 18
	41	2º	Sutra Srīmālādevīsīṃhanāda
III	42	6º	Sutra Avataṃsaka 22, Daśabhūmika
	Capítulo II		
I	46	1º	MN 4-35, sutra Cūlasaccaka
	48	4º	AN 5-49, sutra Rajah-muṇḍa
	48	6º	AN 4-185, sutra Samaṇa
	49	2º	AN 3-134, sutra Uppāda

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>	
II	49	3º	Sutra Laṅkāvatāra	
	49	4º	Sutra Avataṃsaka, 2	
	50	1º	Sutra Avataṃsaka, 16	
	50	4º	Sutra Avataṃsaka, 22, Dasábhū- mika	
	51	1º	Sutra Laṅkāvatāra	
	51	2º	AN 4-186, sutra Ummagga	
	51	3º	Dhammapada 1,2,17,18	
	52	1º	SN 2-1-6, sutra Kāmada	
	III	52	3º	Sutra Avataṃsaka, 16
		52	5º	Sutra Laṅkāvatāra
53		4º	MN 3-22, sutra Alagaddūpama	
54		2º	Sutra Laṅkāvatāra	
54		3º	Sutra Laṅkāvatāra	
IV	57	3º	Vinaya, Mahāvagga, 1-6	
	58	1º	Sutra Laṅkāvatāra	
	58	2º	SN 35-200, sutra Dārukhandha	
	58	3º	Sutra Laṅkāvatāra e outros	
	59	2º	MN 2-18, sutra Madhupiṇḍika	
	59	5º	Sutra Laṅkāvatāra	
	61	4º	Sutra Vimalakīrti-nirdeśa	
	63	3º	Sutra Avataṃsaka, 34, Gaṇḍavyuha	
63	4º	Sutra Laṅkāvatāra e outros		

<i>Secão</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
Capítulo III			
I	65	1º	Vinaya, Mahāvagga, 1-5
	65	2º	Vinaya, Cūlavagga, 5-21
II	66	2º	Sutra Śūraṃgama
	71	2º	Sutra Śūraṃgama
	73	2º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	73	4º	Sutras Saddharmapuṇḍarīka 7 e Śūraṃgama
	74	2º	Sutra Avataṃsaka, 32
	74	3º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	74	4º	Sutra Brahmajāla
	75	2º	Sutra Mahāparinirvāṇa
III	75	5º	Sutra Mahāparinirvāṇa
Capítulo IV			
I	81	1º	Sutra Śrīmālādevīsīḥhanāda
	82	3º	AN 2-11
	82	4º	Itivuttaka, 93
	82	5º	Vinaya, Mahāvagga
	83	2º	AN 3-68, sutra Aññātitṭhika
	83	4º	AN 3-34, sutra Aḷavaka
	84	4º	Sutra Vaipulya
	84	6º	Vinaya, Mahāvagga, 1-6, sutra Dhammacakrapravartana
	85	2º	MN 2-14, sutra Cuḷadukkhak-khandha
	85	3º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	86	4º	Itivuttaka, 24
	88	4º	MN 6-51, Kandaraka-suttanta

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
II	89	2º	AN 3-130
	89	3º	AN 3-113
III	90	2º	Itivuttaka, 100
	90	4º	Sutra Saṃyuktaratnapīṭaka
	91	4º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	93	1º	AN 3-62
	93	4º	AN 3-35, sutra Devadūta
	94	4º	Therīgātha Aṭṭhakathā
IV	95	4º	Sutra Sukhāvatīvyūha, vol. 2
Capítulo V			
I	102	1º	Sutra Sukhāvatīvyūha, vol. 1
	105	4º	Sutra Sukhāvatīvyūha, vol. 2
	107	2º	Sutra Amitāyur-dhyāna
	110	5º	Sutra Sukhāvatīvyūha Menor
Capítulo I			
I	116	1º	MN 2, sutra Sabbāsava
	117	4º	MN 3-26, sutra Ariyapariyesana
	118	3º	SN 35-206, sutra Chapāna
	119	4º	Sutra das Quarenta e duas Seções, 41-2
	121	5º	MN 2-19, sutra Dvedhāvitakka
	122	4º	Dhammapada Aṭṭhakathā
II	123	4º	AN 3-117
	124	1º	MN 3-21, sutra Kakacūpama
	127	1º	MN 3-23, sutra Vammīka

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
	128	3º	Jātaka, IV-497, Mātāṅga-Jātaka
	132	3º	Sutra das Quarenta e duas Seções, 9
	133	2º	Sutra das Quarenta e duas Seções, 13
	134	2º	AN 2-4, sutra Samacitta
III	134	4º	Sutra Saṃyuktaratnapitaka
	144	3º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	145	3º	Sutra Saṃyuktaratnapitaka
Capítulo II			
I	150	1º	MN 7-63, Cūḷamālunkya-suttanta
	152	3º	MN 3-29, sutra Mahāsā ropama
	154	1º	Sutra Mahāmāyā
	154	2º	Theragāthā Aṭṭakathā
	156	3º	MN 3-28, sutra Mahāhatthipado- pama
	156	5º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	157	3º	Sutra Avadānaśataka
	158	3º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	160	4º	Sutra Pañcaviṃsati-sāhasrikā- prajñāpāramitā
	161	4º	Sutra Avataṃsaka, 34, Gaṇḍa- vyūha

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
II	163	4º	AN 3-88
	164	4º	AN 3-81
	164	5º	AN 3-82
	165	3º	Sutra Parinibbāna, vol. 2
	166	3º	MN 14-141, sutra Saccavibhanga
	167	9º	Sutra Parinibbāna, vol. 2
	168	3º	AN 5-16, sutra Bala
	168	4º	Sutra Avataṃsaka
	169	4º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	170	2º	Samyuktaratnapitāka-sutra
	170	3º	Sutra Suvarṇaprabhāsa, 26
	171	2º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	172	2º	Theragathā Aṭṭhakathā
	172	5º	Jataka 55, Pañcāvudha-Jātaka
	173	5º	Itivuttaka, 39 & 40
	174	3º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	174	4º	AN 5-12
174	5º	Sutra Parinibbāna	
175	2º	Sutra Sūraṃgama	
III	176	2º	SN 55-21 & 22, sutra Mahānāma
	177	1º	AN 5-32, sutra Cundī
	177	3º	Sutra Vimalakīrti-nirdeśa
	177	5º	Sutra Sūraṃgama
	178	3º	Sutra Sukhāvatīvyūha, vol. 2
	178	6º	SN 1-4-6
178	7º	Sutra Avataṃsaka, 33	

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
	179	4º	Sutra Avatamsaka, 24
	180	2º	Sutra Suvarṇaprabhāsa, 4
	180	4º	Sutra Amitāyur-dhyāna
	180	5º	Sutra Sukhāvātīvyūha
	181	1º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	181	7º	MN 2-16, sutra Cetokhila
	182	4º	Sutra Sukhāvātīvyūha, vol. 2
IV	183	3º	Dhammapada
	191	4º	SN 1-4-6
	191	7º	AN
	192	2º	Sutra Mahāparinirvāṇa
A FRATERNIDADE			
Capítulo I			
I	194	1º	Itivuttaka 100 e MN 1-3, sutra Dhammadayaḍa
	194	2º	Itivuttaka, 92
	195	1º	Vinaya, Mahāvagga, 1-30
	195	5º	MN 4-39, sutra Mahā-assapura
	197	2º	MN 4-40, sutra Cūla-assapura
	198	2º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka, 19
	198	3º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka, 19
	199	1º	Sutra Saddharmapuṇḍarīka, 14
II	200	3º	SN 55-37, sutra Mahānāma
	201	1º	AN 3-75
	201	2º	SN 55-37, sutra Mahānāma
	201	3º	SN 55-54, sutra Gilāyanam

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
	201	4º	Sutra Avataṃsaka, 22
	203	3º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	206	2º	Sutra Avataṃsaka, 7
	209	2º	Sutra Mahāmāyā
	210	2º	Sutra Avataṃsaka, 21
	210	6º	Sutra Mahāparinirvāṇa
 Capítulo II			
I	212	1º	DN 31, sutra Singālovāda
	217	5º	AN 2-4, sutra Samacitta
	218	4º	AN 3-31
	218	6º	Jātaka 417, Kaccāni-Jātaka
	220	5º	DN 31, sutra Singālovāda
	221	2º	Dhammapada Aṭṭhakathā, 1
II	222	8º	AN 4-197
	223	3º	AN 5-333, sutra Uggaha
	224	2º	Comentários birmaneses
	224	5º	AN 7-59, sutra Sujāta
	226	5º	DN 16, sutra Mahāparinibbāna
	227	5º	Sutra Śrīmālādevīsimhanāda
III	230	1º	DN 16, sutra Mahāparinibbāna
	231	2º	Sutra Avataṃsaka, 34, Gaṇḍa- vyūha
	232	4º	Sutra Suvanaprabhāsa, 12
	233	3º	Sutra Bodhisattva-gocaropāya- viṣayavikurvana-nirdeśa

<i>Seção</i>	<i>Pág.</i>	<i>§</i>	<i>Fontes de Referência</i>
Capítulo III			
I	240	1º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	241	7º	AN 3-118, sutra Soceyyan
	243	4º	SN
	244	2º	Vinaya, Mahāvagga, 10-1 & 2
	244	4º	DN 16, sutra Mahāparinibbāṇa
	245	6º	Vinaya, Mahāvagga, 10-1 & 2
II	248	5º	SN
	249	4º	Sutra Chūin-Kyō
	249	6º	Sutra Vimalakīrti-nirdeśa
	251	1º	Sutra Mahāparinirvāṇa
	251	5º	Sutra Sukhāvatīvyūha Menor
	252	2º	Sutra Sukhāvatīvyūha
	252	5º	Sutra Vimalakīrti-nirdeśa
III	253	2º	Dhammapada Aṭṭhakathā, 1
	253	4º	AN 34-2
	254	3º	Dhammapada Aṭṭhakathā, 1
	255	2º	AN 5-1
	255	3º	Sarvāstivāda-sanghavedakavastu, 10
	256	2º	MN 9-86, sutra Aṅgulimāla
	257	2º	AN 26

